

Bruna Saraiva Gusmão

**TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIO DO TRATADO *SOBRE*
A LONGEVIDADE E A BREVIDADE DA VIDA, DE
ARISTÓTELES**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010

Sumário

1. Introdução.....	
2. Os textos da <i>Parva Naturalia</i>	
2.1 O <i>Longitutine et Brevitate vitae</i>	
3. Tradução, notas e comentário.....	
3.1 Comentário.....	
4. Juventude e velhice na tradição literária.....	
4.1 Juventude, velhice e os símiles em Homero.....	
4.2 A juventude e a velhice na poesia lírica.....	
5. Conclusão.....	
Referências Bibliográficas.....	

2. OS TEXTOS DA *PARVA NATURALIA*

As primeiras referências aos opúsculos contidos na *Parva Naturalia* vieram dos comentadores mais antigos de Aristóteles, que mencionavam os textos separadamente ou em grupos¹. O título que hoje nomeia os pequenos textos sobre a natureza, *Parva Naturalia*, só apareceu no XIII século D.C, sob a denominação dada por Gilles de Roma, então discípulo de Thomas de Aquino². Depois, no século XV, esta referência se tornou comum em alguns dos manuscritos da *Vetus Translatio Latina*³.

O título genérico, portanto, não descreve suficientemente sobre do que se tratam exatamente esses pequenos textos, e talvez possam ter sido assim chamados devido às correspondências entre as outras obras biológicas de Aristóteles. Segundo ROSS, em uma passagem do *De Sensu*, o filósofo resume todo o conteúdo do conjunto de tratados: “fenômenos comuns do corpo e da alma, tais quais, sensação, memória, espírito e apetite e desejo em geral, e ainda, prazer e dor” (*De Sensu* 436^a 6-8), e as atividades comuns a todas as coisas, assim como as peculiares a cada animal, “sono e vigília, juventude e velhice, respiração e expiração, vida e morte, saúde e doença” (436^a 11-14).

Alguns destes fenômenos como, desejo, prazer e dor, saúde e doença não aparecem no conjunto como tema de abordagem específica, talvez porque foram perdidos ou nem sequer foram escritos. Sobre os outros listados acima, eles dizem respeito exatamente aos temas apresentados nos textos que foram organizados de acordo com essa ordem.

O *De sensu* anuncia ao final o que vem em seguida, o *De memória*: “após tratar dos órgãos e objetos dos sentidos em geral e em particular, o próximo é a memória e a lembrança” (449b 1-4). Depois do *De memoria* (453b 8), segue o *De somno* (453b 17) e na seqüência o *De insomniis* e o *De divinatione* (453b 17-24). Em seguida está o *De longitudine vitae* (464b 21) que apresenta no final as últimas considerações que serão feitas acerca dos estudos dos animais: “E resta-nos examinar a respeito da juventude e da velhice, e da vida e da morte. E, tendo sido explicadas em detalhe estas coisas, o estudo a respeito dos animais pode ter uma finalização”

¹ Alexandre de Afrodísias, séc. II-III (*De Sensu*), Themistius, séc. IV (*De memoria; De somno; De Insomniis; De divinatione per somnum*).

² Thomas de Aquino comentou os tratados *De Sensu* e *De memória*.

³ ROSS, W. D. *Aristotle: Parva Naturalia. A revised text with introduction and commentary*. Oxford: 2001.

(467b 4). Aristóteles apresenta assim, o *De juventute et senectute*, o *De respiratione* e o *De vita et morte*, que serão apresentados como um só texto pela maioria dos editores, provavelmente pela maneira como o próprio Estagirita os anuncia.

Para Jaeger a ordem implícita pelas referências nos tratados, não indica uma ordem cronológica, mas pode ter sido acrescentada por Aristóteles no fim das suas pesquisas, formando assim um conjunto dos diferentes estudos sobre cada questão particular⁴. Essa ordem teria sido estabelecida de acordo com o desenvolvimento das questões tratadas em cada texto e não com a seqüência em que foram escritos.

A análise feita por Nuyens, em *L'evolution de la psychologie d'Aristote*, conclui que os últimos tratados, *De juventute et senectute*, *Vita et mort e De Respiratione*, fazem parte do período de transição dos estudos de Aristóteles. No período final, onde está o *De Anima*, estão os cinco primeiros tratados dos *Parva Naturalia* (*De sensu*, *De memoria*, *De somno*, *De insomniis*, *De divinatione*) e mais próximo ao *De Anima* estaria o *De Longitudine et brevitae vitae*. Essa fase se localiza entre o dualismo psicológico apresentado no *Eudemo*, sob influências de Platão, e a doutrina da ἐντελέχεια apresentada pelo *De anima*⁵. Através do estudo da relação entre a alma e o corpo serão marcadas estas três fases, quais sejam: a inicial, onde estão os textos que têm relação com o *Eudemo*, que foi escrito por volta de 354 a.C., o estado de transição, com os textos biológicos, e, a fase final que inclui os textos que têm relação com o *De anima*, marcando os últimos anos de atividade de Aristóteles⁶.

Desta forma, na análise de Nuyens os últimos tratados da ordem sistemática, *De juventute* e o *De respiratione*, na ordem cronológica seriam os primeiros, pois estão mais próximos às outras obras biológicas do que ao *De anima*. De acordo com a introdução do *De juventute*, “Sobre a alma discutiremos em outro lugar; claramente sua natureza não é corporal, e ainda deve residir em algum órgão do corpo, e este órgão tem poder sobre todos os outros” (*De juvent. et sen.*, 1, 467 b 13-16), a alma não é corporal, mas habita uma parte do corpo que influencia todas as outras partes, o que não corresponde ao conceito de ἐντελέχεια do *De anima*, mas condiz com a idéia do *De Partibus Animalium* de que a alma se localiza também numa parte do corpo, no coração: “

⁴ W.Jaeger, p. 310. Apud Nuyens p.169.

⁵ Nuyens, p. 53

⁶ C.F. nota anterior

Ἡ μὲν γὰρ καρδία ἐν τοῖς ἔμπροσθεν καὶ ἐν μέσῳ κεῖται, ἐν ἣ τὴν ἀρχὴν φαμεν τῆς ζωῆς καὶ πάσης κινήσεως τε καὶ αἰσθήσεως⁷. (*De Part. An.*, III, 3, 665a 10-13)

E no *De respiratione* “a alma é responsável, junto ao calor, pela subsistência dos animais, pois sem um ou outro não há digestão. E por isso a primeira alma, a nutritiva, se localiza no lugar intermediário entre o que recebe o alimento e o que expelle o excremento. Nos animais sanguíneos esse lugar é o coração”⁸.

Sobre a localização destes dois tratados, mais próximos aos estudos biológicos, principalmente ao *De partibus*, no período de transição, Ross acredita que Nuyens tenha razão, mas apresenta algumas dúvidas em relação aos outros tratados colocados no período final junto ao *De Anima*. Para ele, o *De Somno*, como proposto por Drossaart Lulofs, pode ser analisado em duas partes, desse modo, uma parte pertenceria ao período de transição e a outra, ao período final. A segunda parte do *De Somno*, marcada a partir de 455b 13, onde Aristóteles menciona o coração como princípio de movimento e da sensibilidade, pertenceria certamente ao período biológico, dado que no *De Anima*, o coração não é mencionado desta maneira⁹ e ainda, em outras passagens, há fortes indícios de relação entre o *De Somno* e o *De Partibus*, assim como com o *De juventute*¹⁰.

Desta maneira também é visto o *De insomniis*, que segundo Lulofs, separando-o em duas partes, o capítulo I pode ser uma continuação da primeira parte do *De somno* e os capítulos II e III uma sequência da segunda parte. O primeiro capítulo teria sido escrito no período do *De anima*, assim como a primeira parte do *De somno*, e os outros dois fariam parte dos trabalhos biológicos¹¹. A passagem que reforça o argumento de Lulofs é a 460^a I-2 do capítulo II do *De somno*, que, segundo ele, contradiz o *De sensu* 437b 10-23, tratado considerado da época do *De anima*.

⁷ Tradução

⁸ *De Respiratione*, 474a 25 b 9.

⁹ Cf. *De Anima* 403a31; 408b8; 420b26; 432b31

¹⁰ *De Somno* 456a13-21, 456^a 34-35, 456b1-2 com o *De Juventute* 475^a3-11, 469a1-2 e 474b3-5, 468b31-32 e 474b7-8, respectivamente. E *De Somno* 457b29-30, 458a15-16, 458a16-19 com o *De Partibus* 652a27-28, 665b27-28, 666c21-667a6, respectivamente. Cf. outras referências em Ross, p. 12.

¹¹ Ross, p. 13

Todas as teses acerca da composição e possível localização dos *PN* envolvem uma pesquisa que propõe uma evolução do pensamento de Aristóteles, não condizente com a nossa abordagem do tratado em questão. Independentemente de estar situado entre as obras biológicas ou psicológicas, ou, se foram escritos antes ou depois de um e outro período, sabemos que, no caso do tratado *Sobre a longevidade e brevidade da vida*, é possível notar traços tanto de uma época, quanto de outra. E ainda, como afirma Veloso, “o fato de Aristóteles ter podido modificar continuamente seus escritos torna vã toda ou quase toda tentativa de reconstrução de uma evolução”, o que também resulta numa imprecisão quanto à cronologia, restando-nos somente as conjecturas a este respeito.

2.1 O *Longitudine et brevitae vitae*

Ainda que este tratado não contenha nenhuma referência que possa levar à sua data de composição, para Ross é claramente notável que se trata de um texto biológico e não psicológico, o que contradiz a consideração de Nuyens, que o entende como mais próximo ao *De Anima*. Ross afirma estar bem claro que ele pertence ao mesmo período dos escritos biológicos de Aristóteles, principalmente pelos pontos comuns com o *De Partibus*¹². Através da leitura dos primeiros tradutores e comentadores deste texto não fica tão claro quanto ao período pertencente, mas percebemos que há menções aos tratados biológicos assim como ao *De anima*, o que reforça as possíveis alterações sofridas pelo texto no decorrer dos estudos do filósofo.

A primeira versão de todo o conjunto dos tratados, traduzida para o latim, foi a de James de Venice, provavelente entre 1125 e 1150. Depois desta, foi uma versão revisada por William de Moerbeke. Segundo o estudo de Michael Dunne, na tradução de James de Venice algumas palavras não são traduzidas, enquanto Moerbeke apresenta, - em alguns casos palavras que já foram traduzidas na primeira versão - uma transliteração do grego para os caracteres romanos e não as traduz¹³.

¹² Ross compara 465^a 4-7 e 467^a 18-21 do *Longitudine*, com 645b 22-25 e 682b29-32 do *De Partibus*, respectivamente. p.14.

¹³Dunne, Michael. “Thirteenth and Fourteenth-century commentaries on the *De longitudine et brevitae vitae*”, p.323.

A primeira versão completa do *De Longitudine*, da maneira como o temos hoje, foi certamente a de Moerbeke, já que a anterior, presente na *vetus*, omitia as linhas 467a 26-467b 9, excluindo assim parte do último capítulo.

O primeiro comentário, feito por Averróis e traduzido por Michael Scot por volta de 1220-35, fazia parte do seu compendium *De causis longitudinis et brevitae vitae*. Ao contrário da versão de James de Venice, considerada de difícil leitura por causa da literalidade, a de Averróis tem dois méritos: “it is a readable paraphrase of Aristotle’s text, it also attempts to reflect philosophically on the points which the text brings up”, reconhece Dunne¹⁴. As influências do seu texto serão notadas particularmente no comentário de Peter of Ireland¹⁵ e Walter Burley. Por outro lado, o importante comentário de Peter of Auvergne não apresenta influências da interpretação de Averróis.

O comentário de Peter of Ireland é uma das mais detalhadas examinações do texto de Aristóteles apresentado no décimo terceiro século. Além da orientação filosófica aristotélica ele recorre a comentadores árabes como Avicena e Averróis. Seu estudo, portanto, será nossa principal referência da época em que estes textos começaram a ser explorados, a idade média, enquanto que dos estudos da nossa época, tomamos como referência o comentário de David Ross.

Tendo como tema principal o tempo de duração da vida dos seres, o tratado tem uma característica metódica que investiga os fatores que resultam, em gêneros distintos de seres, assim como em seres de uma mesma espécie, o por que de uns viverem mais ou menos tempo que outros. O principal aspecto da duração da vida, vista pelo ponto de vista da filosofia da natureza de Aristóteles, é o resultado da necessidade material, o deixar-de-ser, que é natural e inevitável.

O ser vivo é estruturado e unificado de maneira que os quatro elementos e as qualidades destes são arranjadas desta mesma maneira. Onde esses elementos estão equilibrados, o indivíduo continua a existir por um certo tempo. Mas, há uma instabilidade natural em todas as substâncias compostas, de onde “os contrários são destruídos uns pelos outros” (*Longitudine*, 3, 465b 3). Duas das principais qualidades opostas, o calor e o frio, serão transformadas uma em

¹⁴ p. 324.

¹⁵ No comentário do *Longitudine* ele cita Averróis como autoridade na interpretação dos textos de Aristóteles. Cf. *De longitudine* commentary, p. 95, lec. 3, 1. 19.

outra se não estiverem igualmente balanceadas. Por isso a proporção de umidade e calor serão determinantes na duração de um ser natural.

Os seis capítulos que compõem o tratado são divididos de forma que em cada um possamos, através das considerações sobre a influência da natureza dos seres vivos na duração da vida, pensar nas causas que levam o homem, os animais e as plantas, enquanto gêneros (γένη), e dentre cada um destes, enquanto espécie (εἶδος), serem uns de vida longa (μακρόβια) e outros de vida breve (βραχύβια). Ou seja, a diferença do tempo de vida de um homem em relação a um cavalo e esta diferença entre um homem e outro homem (464b 30). Os homens vivem mais do que os cavalos (diferença entre gêneros) e os homens que habitam as regiões quentes vivem mais que aqueles habitantes das regiões frias (diferença entre espécies ou raças), consideração que não concorda com a ciência moderna, pois nos tempos de Aristóteles, como afirma Ross, as regiões do Norte eram inabitadas pelos homens, devido à pouca resistência que tinham ao clima.

Exposta a questão que será o ponto principal do texto, o porquê dos seres vivos terem, uns vida breve e outros vida longa, Aristóteles busca primeiramente a causa da destruição das coisas naturais e como elas se transformam e deixam de ser o que são para tornarem-se algo diferente. Os elementos (fogo, água, terra e ar), para o filósofo, são as causas da geração (γένεσεως) e da corrupção (φθορᾶς) uns para os outros por não terem a mesma força e, as coisas que são constituídas por estes, também participam da natureza deles podendo ser destruídas da mesma maneira¹⁶. Ao tratarmos as coisas não materiais, como o conhecimento e a ignorância, a saúde e a doença, estas podem ser destruídas, ou corrompidas, sem que seja destruído o seu receptáculo, o corpo. A saúde é destruída pela doença e a ignorância, pelo conhecimento. Mas, por acidente, estas coisas podem ser corrompidas, sendo corrompido o corpo. Então por um lado, a corrupção natural da ignorância é o conhecimento e, por outro, a corrupção por acidente é a corrupção do corpo, que ao se destruir (deixar de ser), destrói tudo o que está nele.

A duração da vida para Aristóteles, neste contexto, é o fundamento de toda a existência. Em relação aos outros tratamentos dados pelo filósofo a respeito deste tema podemos dizer que a diferença é que, aqui há uma busca pelas causas da duração da vida ser menor ou maior, enquanto em outras obras prioriza-se o comportamento do jovem ou do velho nas respectivas

¹⁶ Ou seja, desde que não sejam constituídos de muitos elementos, como por exemplo, uma casa, algo constituído de fogo poderia ser destruído por outra coisa constituída de ar.

condições presentes e não se busca uma causa que as determine. O corpo aqui não é determinante para a participação social ativa, mas é determinante para a vida. É nele que a vida se faz presente.

3. TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIO

464b

19 Περὶ δὲ τοῦ τὰ μὲν εἶναι μακρόβια τῶν ζῶων τὰ δὲ
βραχύβια, καὶ περὶ ζωῆς ὅλως μήκους καὶ βραχύτητος,
ἐπισκεπτέον τὰς αἰτίας. Ἀρχὴ δὲ τῆς σκέψεως ἀναγκαία
πρῶτον ἐκ τοῦ διαπορῆσαι περὶ αὐτῶν. Οὐ γὰρ ἔστι δῆλον
πότερον ἕτερον ἢ τὸ αὐτὸ αἴτιον πᾶσι τοῖς ζώοις καὶ φυ-
τοῖς τοῦ τὰ μὲν εἶναι μακρόβια τὰ δὲ βραχύβια· καὶ
25 γὰρ τῶν φυτῶν τὰ μὲν ἐπέτειον τὰ δὲ πολυχρόνιον ἔχει
τὴν ζωὴν· ἔτι δὲ πότερον ταῦτα μακρόβια καὶ τὴν φύσιν
ὑγιεινὰ τῶν φύσει συνεστῶτων, ἢ κεχώρισται καὶ τὸ βρα-
χύβιον καὶ τὸ νοσῶδες, ἢ κατ' ἐνίας μὲν νόσους ἐπαλλάτ-
τει τὰ νοσώδη τὴν φύσιν σώματα τοῖς βραχυβίοις, κατ'
30 ἐνίας δ' οὐδὲν κωλύει νοσώδεις εἶναι μακροβίους, ὄντας.

30

Περὶ

μὲν οὖν ὕπνου καὶ ἐγρηγόρσεως εἴρηται πρότερον, περὶ δὲ
ζωῆς καὶ θανάτου λεκτέον ὕστερον, ὁμοίως δὲ καὶ περὶ νόσου
καὶ ὑγείας, ὅσον ἐπιβάλλει τῇ φυσικῇ φιλοσοφίᾳ· νῦν
465^a δὲ περὶ τὰς αἰτίας τοῦ τὰ μὲν εἶναι μακρόβια τὰ δὲ βραχύ-
βια, καθάπερ εἴρηται πρότερον, θεωρητέον.

Ἔστι δ' ἔχοντα

τὴν διαφορὰν ταύτην ὅλα τε πρὸς ὅλα γένη, καὶ τῶν ὑφ'
ἕν εἶδος ἕτερα πρὸς ἕτερα. Λέγω δὲ κατὰ γένος μὲν δια-
5 φέρειν οἶον ἄνθρωπον πρὸς ἵππον (μακροβιώτερον γὰρ τὸ
τῶν ἀνθρώπων γένος ἢ τὸ τῶν ἵππων), κατ' εἶδος δ' ἄν-
θρωπον πρὸς ἄνθρωπον· εἰσὶ γὰρ καὶ ἄνθρωποι οἱ μὲν μα-
κρόβιοι οἱ δὲ βραχύβιοι ἕτεροι καθ' ἑτέρους τόπους διεστῶ-

τες· τὰ μὲν γὰρ ἐν τοῖς θερμοῖς τῶν ἔθνῶν μακροβιώτερα,
10 τὰ δ' ἐν τοῖς ψυχροῖς βραχυβιώτερα· καὶ τῶν τὸν αὐτὸν
δε τόπον οἰκούντων διαφέρουσιν ὁμοίως τινὲς ταύτην τὴν
πρὸς ἀλλήλους διαφορὰν.

1. Introdução

464b

[19] É preciso examinar as causas de alguns dos animais serem de vida longa, outros de vida breve, e em geral, sobre a longevidade e a brevidade da vida. O princípio necessário da investigação se dá primeiramente a partir das dificuldades¹⁷ relativas a estas questões. Não é, pois, evidente se há uma mesma causa ou outra diferente para todos os animais e plantas serem uns de longa vida e outros de vida breve, pois algumas plantas têm vida de um ano e outras, de muito tempo. E [25] ainda, dentre os seres constituídos pela natureza¹⁸, se são os mesmos os de vida longa e os saudáveis quanto à natureza, ou se estão separados o de vida breve e o doentio. Se aproximam segundo algumas doenças os corpos doentios quanto à natureza com os seres de vida breve, enquanto segundo outras nada impede os que são doentios serem os de vida longa¹⁹ [30].

Sobre o sono e a vigília já foi tratado antes. Deve-se tratar mais tarde sobre a vida e a morte, e similarmente também a respeito da saúde e da doença e o quanto disso concerne à filosofia natural.

[465^a] E agora acerca das causas de serem umas criaturas de longa vida e outras de vida breve, como foi dito antes, deve-se investigar. Existem gêneros inteiros que têm essa diferença em relação a gêneros inteiros, e dos seres de uma única espécie, existem uns que têm esta diferença em relação a outros. Entendo por um lado diferirem quanto ao gênero: [5] o homem em comparação com o cavalo (pois a raça dos homens é de vida mais longa do que a dos cavalos), por outro, quanto à espécie: o homem em relação ao homem. Pois, também os homens são, uns de longa vida e outros, de vida breve: uns e outros separados segundo uns e outros lugares. Dos povos, de um lado os mais longevos estão em lugares quentes e, [10] de outro, os de vida mais

¹⁷ O verbo διαπορῆν tem aqui o sentido de percorrer as dificuldades, desenvolver as aporias, διέρχεσθαι τὰς ἀπορίας (*Ind.arist.*, 187 b 11).

¹⁸ Por seres constituídos por natureza entendemos todos os seres vivos.

¹⁹ Na edição de BIEHL este parágrafo é considerado uma interpolação. De fato, a repetição das linhas seguintes poderiam indicar uma dupla introdução, ou, ter sido acrescentada posteriormente. Ainda assim, as entenderemos como parte do texto.

breve estão em lugares frios; e, dos que habitam o mesmo lugar, são de maneira semelhante diferentes uns em relação aos outros quanto a esta diferença.

2

Δεῖ δὴ λαβεῖν τί τὸ εὐφθαρτὸν ἐν τοῖς φύσει συνεστῶσι καὶ τί τὸ οὐκ εὐφθαρτὸν. Πῦρ γὰρ καὶ ὕδωρ καὶ τὰ 15τούτοις συγγενῆ, οὐκ ἔχοντα τὴν αὐτὴν δύναμιν, τυγχάνει γενέσεως καὶ φθορᾶς αἴτια ἀλλήλοις, ὥστε καὶ τῶν ἄλλων ἕκαστον ἐκ τούτων ὄντα καὶ συνεστῶτα μετέχειν τῆς τούτων φύσεως εὐλογον, ὅσα μὴ συνθέσει ἐκ πολλῶν ἔστιν, οἷον οἰκία. Περὶ μὲν οὖν τῶν ἄλλων ἕτερος λόγος· εἰσὶ γὰρ 20ἴδιαι φθοραὶ πολλοῖς τῶν ὄντων, οἷον ἐπιστήμη καὶ ὑγίεια καὶ νόσῳ· ταῦτα γὰρ φθείρεται καὶ μὴ φθειρομένων τῶν δεκτικῶν ἀλλὰ σωζομένων, οἷον ἀγνοίας μὲν φθορὰ ἀνάμνησις καὶ μάθησις, ἐπιστήμης δὲ λήθη καὶ ἀπάτη. Κατὰ συμβεβηκὸς δ' ἀκολουθοῦσι τοῖς φυσικοῖς αἰ τῶν ἄλλων 25φθοραὶ· φθειρομένων γὰρ τῶν ζώων φθείρεται καὶ ἡ ἐπιστήμη καὶ ἡ ὑγίεια ἢ ἐν τοῖς ζώοις. Διὸ καὶ περὶ ψυχῆς λογίσαιτ' ἂν τις ἐκ τούτων· εἰ γὰρ ἔστι μὴ φύσει ἀλλ' ὥσπερ ἐπιστήμη ἐν ψυχῇ, οὕτω καὶ ψυχὴ ἐν σώματι, εἴη ἂν τις αὐτῆς καὶ ἄλλη φθορὰ παρὰ τὴν φθορὰν ἣν φτεῖ- 30ρεται φθειρομένου τοῦ σώματος. Ὡστ' ἐτεῖ οὐ φαίνεται τοιαύτη οὔσα, ἄλλως ἂν ἔχοι πρὸς τὴν τοῦ σώματος κοινωσίαν.

2. A corruptibilidade dos seres

É preciso então apreender o que é o corruptível e o que é o não corruptível nos seres constituídos pela natureza. Pois o fogo e a água e [15] as coisas da mesma espécie destas²⁰, não tendo a mesma potência²¹, acontecem de ser as causas da geração e da corrupção umas para as outras. De modo que também das outras coisas é racional que cada uma que é e está constituída a partir destes elementos participe da natureza deles quantas não estejam compostas a partir de muitas coisas, como por exemplo, uma casa. A respeito então das outras coisas a razão é outra: pois têm [20] corrupções que lhes são próprias, muitos dos entes, como a ciência, a saúde e a doença. Estas coisas, pois, se corrompem, mesmo não sendo corrompidos os receptáculos, mas conservados. Como a corrupção da ignorância é a recordação e o conhecimento, e a da ciência, o esquecimento e o erro. Mas por acidente as corrupções destas outras coisas seguem as das coisas naturais: [25] sendo corrompidos os seres vivos, corrompem-se também a ciência e a saúde que estão neles. Por isso também a respeito da alma alguém poderia inferir a partir destas coisas: se, pois, como a ciência na alma assim também a alma no corpo, é não por natureza, haveria também para ela, a alma, uma outra corrupção além da que [30] corrompe enquanto corrompe-se o corpo. Assim, uma vez que ela, a alma, não aparece como sendo uma tal, de outro modo ela se comportaria no que diz respeito à relação com o corpo²².

²⁰ Os quatro elementos, a saber, fogo, água, ar e terra, segundo o *de Gen. et Corr.* são responsáveis pela geração e corrupção uns dos outros.

²¹ Ou, não tendo as mesmas propriedades.

²²

465b Ἴσως δ' ἂν τις ἀπορήσειεν εὐλόγως, ἄρ' ἔστιν οὐ
 ἀφθαρτον ἔσται τὸ φθαρτόν, οἷον τὸ πῦρ ἄνω, οὐ μὴ ἔστι τὸ
 ἐναντίον. Φθείρεται γὰρ τὰ μὲν ὑπάρχοντα τοῖς ἐναντίοις
 κατὰ συμβεβηκός, τῷ ἐκείνα φθείρεσθαι· ἀναιρεῖται γὰρ
 5 τὰναντία ὑπ' ἀλλήλων· κατὰ συμβεβηκός δ' οὐθεν τῶν ἐν
 ταῖς οὐσίαις ἐναντίων φθείρεται, διὰ τὸ μηθενὸς ὑποκειμένου
 κατηγορεῖσθαι τὴν οὐσίαν." Ὡσθ' ὡς μὴ ἔστιν ἐναντίον καὶ ὅπου
 μὴ ἔστιν, ἀδύνατον ἂν εἴη φθαρῆναι· τί γὰρ ἔσται τὸ φθε-
 ροῦν, εἴπερ ὑπ' ἐναντίων μὲν φθείρεσθαι συμβαίνει μόνων
 10 τοῦτο δὲ μὴ ὑπάρχει, ἢ ὅλως ἢ ἐνταῦθα; ἢ τοῦτο τῇ μὲν
 ἀληθές ἐστι τῇ δ' οὐ· ἀδύνατον γὰρ τῷ ὕλην ἔχοντι μὴ
 ὑπάρχειν πως τὸ ἐναντίον. Πάντη μὲν γὰρ ἐνεῖναι τὸ θερμὸν
 ἢ τὸ εὐθὺ ἐνδέχεται, πᾶν δ' εἶναι ἀδύνατον ἢ θερμὸν ἢ
 εὐθὺ ἢ λευκόν· ἔσται γὰρ τὰ πάθη κεχωρισμένα. Εἰ οὖν,
 15 ὅταν ἅμα ἢ τὸ ποιητικὸν καὶ τὸ παθητικόν, ἀεὶ τὸ μὲν
 ποιεῖ τὸ δε πάσχει, ἀδύνατον μὴ μεταβάλλειν." Ἐτι καὶ εἰ
 ἀνάγκη περίττωμα ποιεῖν, τὸ δε περίττωμα ἐναντίον· ἐξ
 ἐναντίου γὰρ ἀεὶ ἢ μεταβολή, τὸ δε περίττωμα ὑπόλειμμα
 τοῦ προτέρου. Εἰ δε πᾶν ἐξελαύνει τὸ ἐνεργεία ἐναντίον, κἂν
 20 ἐνταῦθ' ἀφθαρτον ἂν εἴη." Ἡ οὐ, ἀλλ' ὑπὸ τοῦ περιέχοντος
 φθείρεται· εἰ μὲν οὖν, ἴκανὸν ἐκ τῶν εἰρημένων· εἰ δε μή,
 ὑποθέσθαι δεῖ ὅτι ἐνεστί τι ἐνεργεία ἐναντίον, καὶ περίττωμα
 γίνεται. Διὸ ἢ ἐλάττων φλόξ κατακαίεται ὑπὸ τῆς πολλῆς
 κατὰ συμβεβηκός, ὅτι ἢ τροφή ἦν ἐκείνη ἐν πολλῷ χρόνῳ
 25 ἀναλίσκει, τὸν καπνόν, ταύτην ἢ πολλή φλόξ ταχύ. Διὸ
 πάντα ἀεὶ ἐν κινήσει ἐστί, καὶ γίνεται ἢ φθείρεται. Τὸ δε
 περιέχον ἢ συμπράττει ἢ ἀντιπράττει· καὶ διὰ τοῦτο μετα-
 τιθέμενα πολυχρονιώτερα μὲν γίνεται καὶ ὀλιγοχρονιώτερα

τῆς φύσεως, αἴδια δ' οὐδαμοῦ, ὅσοις ἐναντία ἔστιν· εὐθύς
30 γὰρ ἢ ὕλη τὸ ἐναντίον ἔχει, ὥστ' εἰ μὲν τοῦ ποῦ, κατὰ τόπον
μεταβάλλει, εἰ δὲ τοῦ ποσοῦ, κατ' αὐξησιν καὶ φθίσιν, εἰ
δὲ πάθους, ἀλλοιοῦται.

3. Sem contrários não há corrupção

Provavelmente alguém estaria razoavelmente em dúvida: existe então um lugar onde o corruptível será incorruptível, como no alto do fogo, onde não existe seu contrário? Pois são corrompidas pelas coisas contrárias segundo o acidente, pelo fato de aquelas serem destruídas: pois os contrários são destruídos uns pelos outros. Por acidente nenhum dos contrários nas substâncias é destruído, pelo fato de a substância não ser atributo de nenhum sujeito. Desta maneira aquilo para o que não existe contrário e não existe um lugar onde, é impossível que possa ser destruído: o que será então que destruirá, se por um lado acontece de as coisas serem destruídas somente pelos contrários, [10] e isto porventura não existir nem absolutamente nem ali? Ou isto é verdadeiro de uma certa maneira e de outra não: Pois é impossível para o que tem matéria, que não exista de algum modo o contrário. Pois é possível o calor ou o retilíneo estar em toda parte, mas é impossível que o todo seja ou quente ou retilíneo ou branco: pois as propriedades estarão separadas. [15] Se então, quando porventura forem ao mesmo tempo o agente e o paciente, sempre um o que age e o outro o que sofre, é impossível não haver transformação. Ainda também, se é necessário produzir o resíduo, o excremento é um contrário: a partir do contrário, pois, sempre acontece mudança, pois o excremento é um resíduo do que existia antes. E se o fogo expelle totalmente o contrário em ato, [20] também aí ele pode ser incorruptível. Ou não, mas é corrompido pelo que está em torno? Se é assim, o que foi dito é suficiente: se não for assim, é preciso conjecturar que existe algo contrário em ato e que se torna excremento. Por isso a menor chama é consumida pela grande por acidente, porque o alimento que aquela consome em muito tempo, [25] a fumaça, é consumido rapidamente pela chama grande. Por isso, tudo sempre está em movimento e nasce ou é destruído. E o ambiente ou age a favor ou age contra. E por isso quando as coisas são deslocadas, elas se tornam de maior ou menor duração do que a natureza delas, mas para quantas existam contrários, não se tornam, de maneira nenhuma, eternas. [30] Com efeito, a matéria de imediato contém o seu contrário, de modo que se este contrário é do onde, a matéria se transforma segundo o lugar, se ele é do quanto, ela se transforma segundo o crescimento e o perecimento e se ele é da qualidade, ela se altera.

466^a Ἔστι δ' οὔτε τὰ μέγιστα ἀφθαρτότερα (ἵππος γὰρ ἀνθρώπου βραχυβιώτερος) οὔτε τὰ μικρά (ἐπέτεια γὰρ τὰ πολλὰ τῶν ἐντόμων), οὔτε τὰ φυτὰ ὅλως τῶν ζώων (ἐπέτεια γὰρ ἔνια τῶν φυτῶν), οὔτε τὰ ἔναιμα (μέλιττα γὰρ 5 πολυχρονιώτερον ἐνίων ἐνάιμων) οὔτε τὰ ἄναιμα (τὰ γὰρ μαλάκια ἐπέτεια μὲν, ἄναιμα δέ), οὔτε τὰ ἐν τῇ γῆ (καὶ γὰρ φυτὰ ἐπέτεια ἔστι καὶ ζῶα πεζά) οὔτε τὰ ἐν τῇ θαλάττῃ (καὶ γὰρ ἐκεῖ βραχύβια καὶ τὰ ὀστρακηρὰ καὶ τὰ 9 μαλάκια).

9 Ὅλως δὲ τὰ μακροβιώτατα ἐν τοῖς φυτοῖς ἔστιν, 10 οἷον ὁ φοῖνιξ. Εἴτ' ἐν τοῖς ἐνάιμοις ζώοις μᾶλλον ἢ ἐν τοῖς ἀνάιμοις, καὶ ἐν τοῖς πεζοῖς ἢ ἐν τοῖς ἐνύδροις· ὥστε καὶ συνδυασθέντων ἐν τοῖς ἐνάιμοις καὶ πεζοῖς τὰ μακροβιώτατα τῶν ζώων ἔστιν, οἷον ἄνθρωπος καὶ ἐλέφας. Καὶ δὴ καὶ τὰ μείζω ὥς ἐπὶ τὸ πολὺ εἰπεῖν τῶν ἐλαττόνων μακροβιώτερα· 15 καὶ γὰρ τοῖς ἄλλοις συμβέβηκε τοῖς μακροβιωτάτοις μέγεθος, ὥσπερ καὶ τοῖς εἰρημένοις.

4. Os seres de vida-mais-longa

Nem são os maiores mais incorruptíveis (pois o cavalo é de vida-mais-breve do que o homem) nem os pequenos (pois a maioria dos insetos é de um ano de duração), nem as plantas de modo geral são mais incorruptíveis do que os animais (pois algumas das plantas são anuais), nem são mais incorruptíveis os sanguíneos (pois a abelha é de maior duração do que alguns sanguíneos) [5] nem os não sanguíneos (pois os moluscos por um lado, são anuais e, por outro, não sanguíneos) nem os da terra (pois existem tanto plantas quanto animais pedestres, anuais) nem os do mar (pois também ali são de vida breve tanto os testáceos quanto os moluscos).

Em geral os que vivem mais tempo estão entre as plantas, [10] como a palmeira. Em seguida os que vivem mais tempo estão mais entre os animais sanguíneos do que entre os não sanguíneos e mais entre os pedestres do que entre os aquáticos. E desta maneira, reunidas estas duas características, os que vivem mais tempo dentre os animais estão entre os sanguíneos e os pedestres, como o homem e o elefante.

E, mais ainda, na maioria das vezes é possível dizer que os maiores têm vida mais longa do que os menores. [15] Com efeito, acontece de terem grandeza os outros mais longevos, como também os que foram citados.

Τὴν δ' αἰτίαν περὶ τούτων ἀπάντων ἐντεῦθεν ἂν τις θεωρήσειν. Δεῖ γὰρ λαβεῖν ὅτι τὸ ζῶον ἐστὶ φύσει ὑγρὸν καὶ θερμόν, καὶ τὸ ζῆν τοιοῦτον, τὸ δὲ γῆρας ξηρὸν καὶ ψυχρόν,
 20 καὶ τὸ τεθνηκός· φαίνεται γὰρ οὕτως. Ὑλὴ δὲ τῶν σωμάτων τοῖς ζώοις ταῦτα, τὸ θερμόν καὶ τὸ ψυχρόν, καὶ τὸ ξηρὸν καὶ τὸ ὑγρὸν. Ἀνάγκη τοίνυν γηράσκοντα ξηραίνεθαι· διὸ δεῖ μὴ εὐξήραντον εἶναι τὸ ὑγρὸν. Καὶ διὰ τοῦτο τὰ λιπαρὰ ἄσηπτα· αἴτιον δ' ὅτι ἀέρος· ὁ δ' ἀήρ πρὸς τὰλλα πῦρ·
 25 πῦρ δ' οὐ γίνεται σαπρόν.

25 Οὐδ' αὖ ὀλίγον δεῖ εἶναι τὸ ὑγρὸν· εὐξήραντον γὰρ καὶ τὸ ὀλίγον. Διὸ καὶ τὰ μεγάλα καὶ ζῶα καὶ φυτὰ ὡς ὅλως εἰπεῖν μακροβιώτερα, καθάπερ ἐλέχθη πρότερον· εὐλογον γὰρ τὰ μείζω πλέον ἔχειν ὑγρὸν. Οὐ μόνον δὲ διὰ τοῦτο μακροβιώτερα· δύο γὰρ τὰ αἴτια,
 30 τό τε ποσὸν καὶ τὸ ποιόν, ὥστε δεῖ μὴ μόνον πλῆθος εἶναι ὑγροῦ, ἀλλὰ τοῦτο καὶ θερμόν, ἵνα μήτε εὐπηκτον μήτε εὐξήραντον ἦ. Καὶ διὰ τοῦτο ἄνθρωπος μακρόβιον μᾶλλον ἐνίων μειζόνων· μακροβιώτερα γὰρ τὰ λειπόμενα τῷ πλήθει τοῦ
 466b ὑγροῦ, ἔαν πλείονι λόγῳ ὑπερέχη κατὰ τὸ ποιόν ἢ λείπεται κατὰ τὸ ποσόν. Ἔστι δ' ἐνίοις μὲν τὸ θερμόν τὸ λιπαρόν, ὃ ἅμα ποιεῖ τό τε μὴ εὐξήραντον καὶ τὸ μὴ εὐψυκτον· ἐνίοις
 4 δ' ἄλλον ἔχει χυμόν.

4 Ἔτι δεῖ τὸ μέλλον εἶναι μὴ εὐφθαρ-
 5 τον μὴ περιττωματικὸν εἶναι. Ἀναιρεῖ γὰρ τὸ τοιοῦτον ἢ νόσῳ ἢ φύσει· ἐναντία γὰρ ἡ τοῦ περιττώματος δύναμις καὶ φθαρτικὴ ἢ μὲν τῆς φύσεως ἢ δὲ μορίου. Διὸ καὶ τὰ ὀχευτικά καὶ πολὺσπερμα γηράσκει ταχύ· τὸ γὰρ σπέρμα περίττωμα, καὶ ἔτι ξηραίνει ἀπίον. Καὶ διὰ τοῦτο ἡμίονος μακροβιώτερος

10 καὶ ἵππου καὶ ὄνου, ἐξ ὧν ἐγένετο, καὶ τὰ θήλεα τῶν ἀρρένων,
ἐὰν ὀχευτικά ἢ τὰ ἄρρενα· διὸ οἱ στρουθοὶ οἱ ἄρρενες βρα-
χυβιώτεροι τῶν θηλειῶν. Ἔτι δὲ καὶ ὅσα πονητικὰ τῶν ἀρ-
ρένων καὶ διὰ τὸν πόνον γηράσκει μᾶλλον· ξηραίνει γὰρ ὁ
πόνος, τὸ δὲ γήρας ξηρόν ἐστίν. Φύσει δὲ καὶ ὡς ἐπὶ τὸ πᾶν
15 εἶπειν τὰ ἄρρενα τῶν θηλειῶν μακροβιώτερα· αἴτιον δ' ὅτι
16 θερμότερον ζῶον τὸ ἄρρεν τοῦ θήλεος.

Τὰ δ' αὐτὰ ἐν τοῖς

ἀλεινοῖς μακροβιώτερά ἐστίν ἢ ἐν τοῖς ψυχροῖς τόποις, διὰ
τὴν αὐτὴν αἰτίαν δι' ἣν περ καὶ μείζω. Καὶ μάλιστ' ἐπίδηλον
τὸ μέγεθος τῶν τὴν φύσιν ψυχρῶν ζώων· διὸ οἱ τ' ὄφεις
20 καὶ αἱ σαῦραι καὶ τὰ φολιδωτὰ μεγάλα ἐν τοῖς θερμοῖς
τόποις, καὶ ἐν τῇ θαλάττῃ τῇ ἐρυθρᾷ τὰ ὀστρακόδερμα· τῆς
τε γὰρ αὐξήσεως ἢ θερμῆ ὑγρότης αἰτία καὶ τῆς ζωῆς. Ἐν
δὲ τοῖς ψυχροῖς τόποις ὑδατωδέστερον τὸ ὑγρὸν τὸ ἐν τοῖς
ζώοις ἐστίν· διὸ εὐτηκτον, ὥστε τὰ μὲν οὐ γίνεται ὅλως τῶν
25 ζώων τῶν ὀλιγαίμων ἢ ἀνάιμων ἐν τοῖς πρὸς τὴν ἄρκτον
τόποις, οὔτε τὰ πεζὰ ἐν τῇ γῆ οὔτε τὰ ἔνυδρα ἐν τῇ θα-
λάττῃ, τὰ δὲ γίνεται μὲν, ἐλάττω δὲ καὶ βραχυβιώτερα·
28 ἀφαιρεῖται γὰρ ὁ πάγος τὴν αὕξησιν.

28 Τροφὴν δὲ μὴ λαμ-
βάνοντα καὶ τὰ φυτὰ καὶ τὰ ζῶα φθείρονται· συντήκει
30 γὰρ αὐτὰ ἑαυτά· ὥσπερ γὰρ ἡ πολλὴ φλόξ κατακαίει
καὶ φθείρει τὴν ὀλίγην τῶ τὴν τροφὴν ἀναλίσκειν, οὕτω τὸ
φυσικὸν θερμόν τὸ πρῶτον πεπτικόν, ἀναλίσκει τὴν ὕλην ἐν
ἢ ἐστίν. Τὰ δ' ἔνυδρα τῶν πεζῶν ἦττον μακρόβια οὐχ ὅτι
467^a ὑγρὰ ἀπλῶς, ἀλλ' ὅτι ὑδατώδη· τὸ δὲ τοιῦτον ὑγρὸν εὐ-
φθαρτον, ὅτι ψυχρὸν καὶ εὐπηκτον. Καὶ τὸ ἀναιμον, διὰ τὸ
αὐτό, ἐὰν μὴ μεγέθει ἀπαμύνηται· οὔτε γὰρ λίπος οὔτε
γλυκὺ ἔχει. Ἐν γὰρ ζώῳ τὸ λιπαρὸν γλυκὺ· διὸ αἱ μέλιτ-
5 ται μακροβιώτεραι ἐτέρων μειζόνων ζώων.

5. Por que uns seres vivem mais e outros vivem menos?

A causa de todas estas coisas, poderá alguém examinar, a partir daqui. É preciso, portanto, apreender que, o animal é por natureza úmido e quente, e que o viver é assim, e que a velhice é seca e fria, [20] e o que está morto também. Com efeito, isso manifesta-se assim. Pois a matéria dos corpos destes animais são estas coisas: o quente e o frio, e o seco e o úmido. É necessário certamente que o que envelhece seque. Por isso é preciso que o úmido seja não facilmente secável. E por isso os seres gordurosos são não putrescíveis: a causa é porque são de ar. E o ar em relação aos outros elementos é fogo. E o fogo não se torna podre.

[25] Nem, por sua vez, deve o úmido ser em pequena quantidade: pois também o que é pouco é facilmente secável. Por isso também os que são grandes, tanto animais quanto plantas são, para dizer de maneira geral, de longa vida, como foi dito primeiramente. Pois é plausível que os maiores tenham mais umidade. Mas não somente por isso são de-vida-mais-longa. Pois são duas as causas, [30] tanto a quantidade quanto a qualidade, de modo que é preciso não somente haver uma massa de úmido, mas esta também ser quente, para que não seja nem facilmente congelável, nem facilmente secável. E por isso o homem é de-vida-mais-longa do que alguns dos animais maiores. Pois de-vida-mais-longa são os privados do úmido em quantidade, [466b] se por ventura forem superiores segundo a qualidade em maior proporção do que são privados do úmido segundo a quantidade. E para alguns, o quente é o gorduroso, o qual faz ao mesmo tempo tanto o não facilmente secável quanto o não facilmente esfriável. [4] Mas para alguns outros o gorduroso tem outro sabor.

É preciso ainda que o que deve ser não facilmente corruptível, [5] seja não abundante em excremento. Pois uma tal constituição mata ou por doença ou por natureza. Pois a potência do excremento é contrária e destrutiva, por um lado, em relação a natureza ou por outro, em relação a uma parte dela. Por isso também os animais propensos ao coito e com muito sêmen envelhecem rapidamente. Pois o sêmen é um resíduo e ainda seca ao ser expelido. E por isso a mula é mais longeva [10] tanto em relação ao cavalo quanto ao asno, dos quais ela nasce, e as fêmeas são mais longevas do que os machos, se os machos forem propensos ao coito; por isso os pardais machos são de-vida-mais-curta do que as fêmeas. E ainda quantos dos machos são submetidos ao trabalho têm vida mais curta do que as fêmeas, e envelhecem mais devido à fadiga; pois a fadiga resseca, e

a velhice é seca. E por natureza também, para dizê-lo sumariamente, [15] os machos são mais longevos do que as fêmeas. E a causa disso é que o macho é um animal mais quente do que a fêmea.

E os mesmos animais são mais longevos nas regiões quentes do que nas frias, pela mesma causa pela qual são também maiores. É sobretudo evidente o tamanho dos animais, por natureza frios. Por isso tanto as serpentes [20] quanto os lagartos quanto répteis dotados de escamas são grandes nos lugares quentes, e no Mar Vermelho, os testáceos. Pois tanto do crescimento quanto da vida a umidade quente é a causa. E nos lugares frios o úmido nos animais é mais aquoso; por isso é facilmente congelável, de modo que em geral dentre [25] os animais que têm pouco ou são privados de sangue uns não existem nas regiões do Norte (nem os pedestres na terra, nem os aquáticos no mar) e outros existem, mas menores e de vida mais breve: pois o gelado suprime o crescimento.

[28] E não recebendo alimento tanto as plantas quanto os animais perecem; [30] pois consomem a si mesmos: pois assim como a grande chama queima inteiramente e destrói a pequena por causa do consumo do alimento, assim também o calor natural, o que primeiro digere, consome a matéria na qual ele está. E os animais aquáticos são menos longevos do que os pedestres, [467^a] não porque úmidos simplesmente, mas porque aquosos: pois um tal úmido é facilmente corruptível, porque frio e facilmente congelável. Também os privados de sangue o são por essa mesma razão, se porventura não forem protegidos pela grandeza: pois nem têm gordura nem doçura. Pois no animal o gorduroso é doce: por isso as abelhas [5] são mais longevas do que outros animais maiores.

Ἐν δὲ τοῖς φυτοῖς ἐστὶ τὰ μακροβιώτατα, καὶ μάλ-
λον ἢ ἐν τοῖς ζώοις, πρῶτον μὲν ὅτι ἦττον ὕδατώδη, ὥστ'
οὐκ εὐπηκτα· εἴτ' ἔχει λιπαρότητα καὶ γλισχρότητα, διὸ καὶ
ξηρὰ καὶ γεώδη ὄντα ὅμως οὐκ εὐξήραντον ἔχουσι τὸ ὑγρόν.

- 10 Περὶ δὲ τοῦ πολυχρόνιον εἶναι τὴν τῶν δένδρων φύσιν δεῖ
λαβεῖν τὴν αἰτίαν· ἔχει γὰρ ἰδίαν πρὸς τὰ ζῶα, πλὴν πρὸς
τὰ ἔντομα. Νέα γὰρ αἰεὶ τὰ φυτὰ γίνεται· διὸ πολυχρόνια.
Ἄει γὰρ ἕτεροι οἱ πτόρθοι, οἱ δὲ γηράσκουσιν, καὶ αἱ ρίζαι
ὁμοίως. Ἄλλ' οὐχ ἅμα, ἀλλ' ὅτε μὲν μόνον τὸ στέλεχος καὶ
15 οἱ κλάδοι ἀπόλωντο, ἕτεροι δὲ παρεφύησαν· ὅταν δ' οὕτως
ᾤσιν, αἱ ρίζαι ἄλλαι ἐκ τοῦ ὑπάρχοντος γίνονται, καὶ οὕτως
αἰεὶ διατελεῖ τὸ μὲν φθειρόμενον τὸ δὲ γινόμενον· διὸ καὶ
μακρόβια. Ὁμοίως δὲ τὰ φυτὰ τοῖς ἐντόμοις, ὥσπερ εἴρηται
πρότερον· διαιρούμενα γὰρ ζῆ, καὶ δύο καὶ πολλὰ γίνεται
20 ἐξ ἑνός. Τὰ δ' ἔντομα μέχρι μὲν τοῦ ζῆν ἦλθεν, πολὺν δ' οὐ
δύναται χρόνον· οὐ γὰρ ἔχει ὄργανα, οὐδὲ δύναται ποιεῖν
αὐτὰ ἢ ἀρχὴ ἢ ἐν ἐκάστω. Ἡ δ' ἐν τῷ φυτῷ δύναται. παν-
ταχῆ γὰρ ἔχει καὶ ρίζαν καὶ καυλὸν δυνάμει. Διὸ ἀπὸ
ταύτης αἰεὶ προέρχεται τὸ μὲν νέον τὸ δὲ γηράσκον, μικρόν
25 τι διαφέροντα τῷ εἶναι μακρόβια οὕτως ὥσπερ τὰ ἀπο-
φυτευόμενα. Καὶ γὰρ ἐν τῇ ἀποφυτεῖα τρόπον τινὰ φαίη ἄν-
τις ταῦτα συμβαίνειν· μόνιον γὰρ τι τὸ ἀποφυτευθέν. Ἐν
μὲν οὖν τῇ ἀποφυτεῖα χωριζομένων συμβαίνει τοῦτο, ἐκεῖ δὲ
διὰ τοῦ συνεχοῦς. Αἴτιον δ' ὅτι ἐνυπάρχει τάντη ἢ ἀρχὴ δυ-
30 νάμει ἐνοῦσα.

- 30 Συμβαίνει δὲ ταῦτο ἐπὶ τε τῶν ζώων καὶ φυ-
τῶν. Ἐν τε γὰρ τοῖς ζώοις τὰ ἄρρενα μακροβιώτερα ὡς ἐπὶ

τὸ πολὺ· τούτων δὲ τὰ ἄνω μείζω ἢ τὰ κάτω (νανωδέστερον γὰρ τοῦ θήλεος τὸ ἄρρεν), ἐν δὲ τῷ ἄνω τὸ θερμόν, καὶ τὸ ψυχρὸν ἐν τῷ κάτω· καὶ τῶν φυτῶν τὰ κεφαλοβαρῆ μακρο-
467b βιώτερα. Τοιαῦτα δὲ τὰ μὴ ἐπέτεια ἀλλὰ δενδρώδη· τὸ γὰρ ἄνω τοῦ φυτοῦ καὶ κεφαλὴ ἢ ρίζα ἐστὶ, τὰ δ' ἐπέτεια ἐπὶ τὸ κάτω καὶ τὸν καρπὸν λαμβάνει τὴν αὔξησιν. Ἄλλὰ περὶ μὲν τούτων καὶ καθ'αὐτὰ ἐν τοῖς περὶ φυτῶν
5 διορισθήσεται· νῦν δὲ περὶ τῶν ἄλλων ζώων εἴρηται τὸ αἴτιον περὶ τε μεγέθους ζωῆς καὶ βραχυβιότητος. Λοιπὸν δ' ἡμῖν θεωρήσαι περὶ τε νεότητος καὶ γήρωσ καὶ ζωῆς καὶ θανάτου· τούτων γὰρ διορισθέντων τέλος ἂν ἢ περὶ τῶν ζώων ἔχοι μέθοδος.

6. A duração da vida entre os animais e as plantas

E entre as plantas, mais do que entre os animais, estão os seres de-mais-longa-vida, primeiramente porque são aquosas, de tal modo que não são facilmente congeláveis. Depois porque têm oleosidade e viscosidade, e por isso, sendo tanto secas quanto terrosas, têm contudo o úmido não facilmente secável. [10] É preciso apreender a causa quanto ao ser a natureza das árvores de longa duração: pois elas têm uma natureza particular em relação aos animais, com exceção dos insetos. As plantas, com efeito, vêm a ser sempre novas: por isso são de-longa-duração. Pois sempre diversos são uns ramos, enquanto outros envelhecem, e as raízes semelhantemente. Todavia não ao mesmo tempo, mas quando somente o tronco e [15] os ramos perecem, outros nascem ao lado; e quando porventura forem assim, as raízes se tornam outras a partir do que subsiste. E desse modo sempre continuam a ser, uma parte perecendo e a outra vindo a ser: por isso também são de-vida-longa. E as plantas são semelhantes aos insetos, como foi dito antes: pois, sendo separadas, vivem, tanto dois quanto muitos vindo a ser a partir de um único. [20] E os insetos chegam até a viver, mas não o conseguem por muito tempo. Pois eles não têm órgãos, e o princípio, que está em cada um, não é capaz de produzi-los. Mas o princípio na planta é capaz. Pois em toda parte ela tem tanto raiz quanto caule em potência. Por isso a partir deste princípio (as plantas) sempre continuam a ser, uma parte nova, a outra envelhecendo, [25] diferenciando-se em pouco pelo fato de serem de-vida-longa, assim como as transplantadas. Pois também na transplantação, alguém diria que, de algum modo, as mesmas coisas acontecem: pois o que foi transplantado é uma outra parte. No transplante das que são separadas isto então acontece, mas ali isto acontece por meio do que é contínuo. E a causa é porque existe em toda parte o princípio que [30] é em potência.

[30] A mesma coisa acontece tanto entre os animais quanto entre as plantas. Com efeito, entre animais, os machos são mais longevos na maior parte do tempo. Destes, as partes superiores são maiores do que as inferiores (pois o macho é mais parecido com um anão do que a fêmea) pois na parte superior está o quente, e o frio na inferior. E, dentre as plantas, as de cabeça grossa são as de-vida-mais-longa. [467b] E tais plantas são as não anuais, mas as arbóreas. É, com efeito, a raiz a parte superior e a cabeça da

planta, e as anuais tomam crescimento em direção à parte inferior e ao fruto. Mas sobre estas coisas especificamente, será explicado no “Sobre as plantas”.

[5] Mas agora está dita a razão quanto à grandeza à brevidade da vida dos outros animais. E resta-nos examinar a respeito da juventude e da velhice, e da vida e da morte. E, tendo sido explicadas em detalhe estas coisas, o estudo a respeito dos animais pode ter uma finalização.

4. JUVENTUDE E VELHICE NA TRADIÇÃO LITERÁRIA

O envelhecimento é um fenômeno que faz parte do processo de vida do homem assim como da maioria dos seres vivos. Alguns seres vivem mais, outros vivem menos, alguns chegam a envelhecer, outros morrem ainda jovens. Na poesia foi principalmente através dos símiles, muitas vezes entre homens, plantas e animais, que os poetas clássicos expuseram o seu entendimento sobre a duração da vida. As implicações acerca do tema, presentes na poesia, variam entre os poetas épicos e líricos no que diz respeito às fases da vida do homem. De um lado, em Homero o velho Nestor tem uma autoridade marcada pela experiência de vida e de batalhas, neste caso o lado positivo da velhice, mas a perda da força e do vigor físicos apontam o lado negativo. Por outro lado, em Mimnermo não encontramos senão lamentações quanto à velhice, que para o poeta está ligado a doenças e perturbações.

As diferentes formas de abordagem do tempo de vida se dão principalmente pelo fato de, na poesia, não se apresentar uma reflexão direta acerca do tempo de vida dos seres e tampouco dos homens, mas como parte de uma reflexão sobre o processo de transformação da vida humana, sendo que a abordagem poética aponta, em sentenças morais, os efeitos, vantagens e desvantagens da juventude e da velhice, ainda que desconhecidas as causas naturais desse fenômeno.

Portanto, os opostos juventude e velhice são fundamentais para entendermos o que acontece entre uma fase e outra da vida do homem, segundo o ponto de vista de uma época onde os efeitos morais são notadamente mais evidentes, mas que ao mesmo tempo apresenta indícios de um reconhecimento (noção) por parte dos poetas, dos efeitos físicos do processo durativo de vida, assim como ocorrem com as plantas, demonstrados nas comparações envolvendo a duração da vida dos homens e de outros seres naturais²³.

Com a tradução do pequeno texto de Aristóteles que apresentamos neste trabalho, o *Sobre a longevidade e a brevidade da vida*, podemos apreender diretamente a noção de duração da vida segundo o filósofo, que neste texto não opera com as concepções morais que ocorrem nas suas obras dedicadas a outros assuntos humanos, diga-se de passagem, a *Ética nicomaqueia* e

²³ Me refiro aqui aos símiles. Ex: o das folhas; o da cigarra; e outros que junto a estes serão citados no decorrer deste texto.

a *Retórica*. Nessas obras talvez fosse possível um nível de comparação mais condizente com a implicação moral dada na poesia sobre o caráter e o lugar do jovem e do velho numa sociedade. Como a referida obra dista destas últimas principalmente em relação ao objeto de pesquisa, que nas obras psicofisiológicas do estagirita envolve homens, plantas e animais, e o funcionamento do corpo e da alma destes seres, não pretendemos comparar, mas localizar em um e outro contexto, as diversas maneiras de se dizer a juventude e a velhice em Aristóteles e mais extensivamente, entre os gregos antigos. Contudo, nossa primeira tentativa será a de reconhecer na poesia os traços que marcam o processo durativo da vida dos seres, sendo que para isso necessariamente teremos que entender as noções que os poetas gregos antigos tinham das idades, uma vez que na poesia não havia, como depois haverá na filosofia, uma delimitação precisa de investigação a respeito de algum tema especificamente. Diferença quiçá fundamental entre uma e outra época do pensamento grego, uma vez que Aristóteles busca as causas da longevidade e da brevidade da vida segundo a natureza dos seres, e os poetas buscam um entendimento sobre os efeitos morais gerados pelo fenômeno natural e inevitável que é o alcance da longevidade, segundo o próprio homem.

4.1 A juventude, a velhice e os símiles em Homero

Se buscarmos os primeiros registros sobre o tema das idades, já em Homero podemos encontrar o que se pensava sobre ser velho e ser jovem na sociedade representada nos poemas. Um dos pontos mais importantes - neste contexto mental arcaico - é o que diz respeito ao principal fator que – tornando-se um *tópos* na tradição posterior - faz com que as pessoas envelheçam ou deixem de ser jovens: o passar do tempo. Fator este que não era considerado na tradição poética arcaica direta e conceitualmente, pois era na vida concreta e principalmente no corpo que o tempo era notado.

Segundo Schadewaldt, o homem de Homero sabe o que é um homem velho e ele vê como envelhecem os homens, mas não pensa no seu próprio envelhecimento²⁴. Em “*Tiempo de vida y*

²⁴²⁴ Como depois os poetas líricos verão.

vejez en la Grecia temprana”²⁵ ele cita o estudo de Fraenkel “A concepção do tempo na literatura arcaica grega”, onde a concepção homérica do tempo é considerada relativamente pouco desenvolvida, e ele explica que, por isso, o que notamos na poesia homérica é o acontecimento das coisas, não o tempo ele mesmo, o que faz com que estes acontecimentos não se movam num marco temporal firme. É, então, na vida concreta que o homem se encontra de maneira mais imediata com o tempo, e de certo modo o experimenta no corpo²⁶.

Sobre a concepção de tempo para esta vida humana, ele conclui semelhantemente às observações de Fraenkel que “Homero vê a juventude e a velhice, quase sempre, não como processos temporais da vida, mas em seu próprio ser, cheio com o conteúdo de diversas forças e antiforças, de benefícios e defeitos”. Por isso o poeta fala pouco sobre o processo do envelhecimento mas o reconhece no alcançar da idade, ou seja, a idade é vista no termo do movimento, é ela que chega ao homem e determina que para ele o tempo passou. Depois, em Homero o homem não experimenta a vida como um curso de lei natural, a totalidade da vida é para ele simplesmente duração²⁷. E esta duração acompanha uma lei natural diferente daquela que é formulada visando o entendimento e as respostas para todo o funcionamento do corpo vivo, a qual não faz parte do contexto mental proposto pela poesia épica, tampouco pela lírica, as quais, ao contrário, seguem a representação de uma lei imposta pelos deuses, que para os homens dessa época é a natural. O que determina a interrupção do processo durativo da vida assim como o prolongar da existência é a vontade dos deuses, decisiva para todos os homens mortais.

Sendo homem e mortal, o guerreiro (segundo o modelo de Aquiles na *Ilíada*) pode buscar a honra concedida pelos deuses, o morrer em breve mas com o mérito de um herói, e alcançar a glória eterna como forma de compensação para a morte prematura.

Mãe, já que vida de tão curto prazo me deste, seria
justo que ao menos tivesse honras muitas de Zeus poderoso
que no alto troa! (*Il. I, 352-4*)²⁸.

²⁵ Em: *La actualidad de la Antigua Grecia (Hellas und Hesperian)*. Traducción de Miguel López Calderón.

²⁶ Cf. FRAENKEL, Hermann. *La concepción del tiempo en la literatura arcaica griega*. In: *Mania: revista de pensamiento*, n. 8, 2001, p. 49-64.

²⁷ Schadewalt, p. 13

²⁸ Trad. Carlos Alberto Nunes. Esta será a tradução adotada para todas as passagens da *Ilíada* e *Odisséia* no decorrer do trabalho.

A atitude de Aquiles, ao mesmo tempo em que mostra o fado premiado de uma vida breve, com honras eternas, mostra também a fragilidade do jovem perante uma situação difícil. Nesta passagem em que ele senta e chora chamando pela mãe ao perder seu prêmio, Criseida, para Agamêmnon, o herói caracteriza os jovens, que segundo a fala de Antíloco “são de ânimo vivo e faltos do justo equilíbrio” (*Il*, XXIII, 590).

A importância da idade no sistema social e político, para Aristóteles, é formado sob o modelo da família, que, segundo ele, “é regido na forma monárquica pelo homem de mais idade” (*Política* I, 2, 1252)²⁹. E ainda, segundo o filósofo, a idade dá poder e autoridade, garante obediência, respeito e recebe as marcas de honra. Esse ponto de vista está presente na poesia homérica, principalmente no que diz respeito à obediência dos jovens heróis perante a autoridade dos anciãos nos conselhos. Catrysse, em busca de um sentido positivo para o termo que designa a pessoa de mais idade, ou seja, o velho, lembra uma possível relação entre o substantivo γέρας, que significa honra, privilégio, e o γέρων, traduzido por ancião, que remete ao sentido de dignidade para os chefes que formam o conselho do rei³⁰. Poderíamos imaginar assim que o γέρων indica um certo privilégio, uma honra concedida àqueles homens de mais idade. Este seria o prêmio, o envelhecer com dignidade e o privilégio da autoridade.

Essa sugestão, de aproximar os termos γέρας e γέρων, segundo Benveniste é infundada e definitivamente não passa de uma etimologia popular, surgida em 1906 e proposta por Osthoff, a partir da fórmula homérica: τὸ γὰρ γέρας ἐστὶ γερόντων, que aparece duas vezes na *Iliada* (4, 323; 9, 422) e que parece supor que o γέρας pertence propriamente aos velhos³¹. Benveniste explica que no contexto dos dois exemplos mencionados, o γέρας tem um emprego metafórico, que está além do seu valor específico³²: “dar um conselho, intervir para reconciliar os poderosos, tal é o γέρας dos velhos, o privilégio dos que a idade afasta dos combates”. Ele cita ainda outra fórmula que Osthoff ignorou: τὸ γὰρ γέρας ἐστὶ θανόντων, “tal é o privilégio dos mortos”³³, e ressalta que ninguém concluiria com isso que o γέρας guarda alguma relação com a morte.

²⁹ CATRYSSSE, Andrée. *Les Grecs et la vieillesse*, p. 21.

³⁰ BAILLY, Hachette 2000, p. 399.

³¹ BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias*. Vol. II, p. 48

³² O valor específico, segundo Benveniste declara, é o de uma “vantagem material, conferida pelo conjunto dos membros de um grupo social quando de uma partilha, durante a apropriação de despojos, por meio de uma reunião prévia de todo esse botim, do qual justamente é retirado esse γέρας, parte do chefe”, p. 44.

³³ Que se faça oferendas aos mortos, tal é o privilégio que lhes cabe.

Desta maneira, considerando os argumentos de Chantraine³⁴, que tenta demonstrar a proximidade etimológica entre os dois termos baseado na suposição de Osthoff, optamos pela comprovação que distancia os dois termos e que indica apenas o uso metafórico de γέρας, como sugere Benveniste.

A partir de agora, buscaremos primeiro as proposições mais relevantes em relação à juventude e à velhice nos textos homéricos, e como estas duas fases são representadas pelo poeta. Sabemos de início que, de modo geral, a juventude é uma fortuna e a velhice uma praga³⁵, o que está na idéia da existência do homem enquanto ser mortal e na busca pelas virtudes dos deuses eternos. Logo, o poeta não lamenta o envelhecer, mas o estar vivo, e diferentemente dos poetas líricos, Homero não nos apresenta o terror da velhice presente tão lamentosamente no corpo, mas apenas o ser homem.

Tão infeliz quanto os homens não há ser algum, por sem dúvida,
entre os que vivem na face da terra e sobre ela se movem.
(*Il.*, XVII, 446-7)

Estar submetido ao envelhecimento e à morte é o grande temor dos homens, não fosse por isso, Sarpédone diz a Glauco, “não me verias, por certo, a lutar na dianteira dos nossos,/ nem te faria ingressar nas batalhas que aos homens dão glória” (*Il.* 323-4). O saber que se é mortal e que a juventude não é duradoura, condições do homem enquanto tal, o faz buscar a fama e tentar assim ser lembrado para sempre.

Não obstante, a perda física também é associada aos experientes anciãos, assim como a intolerância e a incompreensão aos vigorosos jovens. Entre os heróis Antíloco e Menelau, o primeiro reconhece esta característica dos jovens quando diz ao outro: “Certo conheces os moços e quão facilmente se excedem,/ por serem de ânimo vivo, mas faltos do justo equilíbrio³⁶.” Essa falta do justo equilíbrio nos jovens seria uma capacidade dos anciãos, que, em compensação à falta da força física, possuem a força moral e são comedidos devido às experiências passadas.

³⁴ Cf. γέρας, γέρων, γήρας .CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, 2009, p.216, 218, 220.

³⁵ Shadewaldt, p. 8.

³⁶ *Il.* 23, 589-90.

Para Homero, juventude é força, agilidade corporal, bons olhos, o *thymos* que anima a ação. Mas, ao mesmo tempo, ao jovem faltam compreensão e juízo³⁷.

Podemos dizer que é difícil optar por uma prioridade entre ser jovem e ser velho em Homero. Parece que o poeta a todo tempo tenta mostrar o lado frágil e o lado forte, ou o negativo e o positivo de cada fase, ainda mais porque dificilmente seria possível, nas narrativas homéricas, que o jovem se sobressaísse tão bem não fosse pelos conselhos e direções dados pelos mais velhos, assim como também seria difícil se os senhores tivessem que entrar nas batalhas com o fraco desempenho físico que já deles se pode esperar. Logo, nem só de jovens e nem só de velhos poderia ser formada a sociedade homérica.

O velho é forte em palavras assim como o jovem com as lanças, “o mais forte de todos os Dânaos,/ és mais robusto do que eu e no jogo da lança não pouco/ me sobrepujas; contudo te sou superior nos conselhos,/ por ter nascido primeiro e ter mais experiência das coisas³⁸”, palavras de Ulisses para Aquiles confirmando a afirmativa de que os dois têm perdas e ganhos, com pouca ou muita idade. A vantagem dos anciãos é participar com conselhos e palavras, pois “os deuses nem tudo ao homem concedem”, responde Nestor a Agamemnon quando o que é mais jovem lhe diz

“se conservasses, ó velho, nos membros a antiga energia
e a agilidade dos joelhos, tal como a coragem conservas!
Mas a velhice, que a todos oprime, em ti pesa. Quem dera que
se passasse para outro, deixando-te moço de novo!³⁹”

Nessa fala o poeta mostra muito claramente como a velhice, tal como dissemos antes, está presente no movimento como algo que vem para o homem, como se fosse também algo que, assim como vem, pudesse ser igualmente retirado, como algo separado.

E com isso podemos perceber que a velhice é uma consequência natural que não define inteiramente o velho enquanto homem, mesmo se limita o seu campo de atividade. No caso de Nestor, primeira representação da velhice na *Ilíada*, não pelo fato de ser velho, mas pelo fato de ter vivido o que viveu, de ter sido o herói que foi, goza, na velhice, de uma autoridade superior à

³⁷ Shadewaldt, p. 8

³⁸ // 19, 216-219.

³⁹ // 4, 313-314.

dos outros heróis. E mais, por não ter alcançado a glória eterna numa morte prematura, é na sua posição de conselheiro e contador de sua experiência que me parece alcançar tal êxito.

Vejamos no primeiro canto da *Ilíada*:

Não, nunca vi, nem presumo que possa ainda ver algum dia,
homens do porte de Driante, pastor de guerreiros, Pirítoo,
o grande Exádio, Ceneu, e o que aos deuses é igual, Polifemo,
e ainda Teseu, que de Egeu decendia, de formas divinas.
Êsses, realmente, os mais fortes heróis que na terra viveram.
Não foram fortes, somente: lutaram com fortes guerreiros,
Monstros alpestres, a todos matando por modo terrível.
Fui companheiro de todos nas lutas de então, pois chamando
por eles próprios me vira, de Pilo longínqua, arenosa.
Sim, quanto me era possível, lutei, pois dos homens que a terra
ora alimenta, nenhum suportara confronto com eles.
Obedeciam-me, entanto; meu voto era sempre acatado.
Obedecei-me, também, que é melhor aceitar bons conselhos. (*Il.I,262-74*)⁴⁰

A autoridade de Nestor parece vir principalmente da representatividade de um passado que só ele, dentre todos que o ouvia, conheceu. E é na velhice que ele pode ostentar tal autoridade, mas não poderia possuí-la somente por ser velho. No seu passado glorioso, ele viu homens tão fortes que jamais verá, e estando entre eles, tendo vindo de longe para isso, se destacava, pois se mostrava ser ainda melhor por também os aconselhar e ter seus conselhos seguidos. Nestor volta ao passado para reforçar sua autoridade presente e, além disso, se mostra como exemplo que foi enquanto jovem, forte, guerreiro e invencível. Ele lutou, venceu e não morreu. Não obteve a glória eterna, que é compensada, no entanto, pela posição disfrutada na velhice.

⁴⁰ οὐ γὰρ πω τοιόυς ἰδὼν ἀνὲρ ἄς οὐδὲ ἰδῶμαι,
οἷον Πειρίθοόν τε Δρύαντά τε ποιμένα λαῶν
Καινέα τ' Ἐξάδιόν τε καὶ ἀντίθεον Πολύφημον
Θησέα τ' Αἰγείδην, ἐπιείκελον ἀθανάτοισιν·
κάρτιστοι δὴ κείνοι ἐπιχθονίων τράφεν ἀνδρῶν·
κάρτιστοι μὲν εἴαν καὶ καρτίοι τοῖς ἐμαχόντο
φηρσὶν ὄρεσκάωσι καὶ ἐκπάγλως ἀπόλεσαν.
καὶ μὲν τοῖσιν ἐγὼ μεθομίλεον ἐκ Πύλου ἔλθῶν
τηλόθεν ἐξ ἀπίης γαίης· καλέσαντο γὰρ αὐτοί·
καὶ μαχόμεν κατ' ἐμ' αὐτὸν ἐγώ· κείνοι δ' ἂν οὐ τίς
τῶν οἱ νῦν βροτοὶ εἰσὶν ἐπιχθόνιοι μαχεόιτο·
καὶ μὲν μευ βουλέων ξύνιεν πείθοντό τε μύθῳ·
ἀλλὰ πιθῆσθε καὶ ὑμεῖς, ἐπεὶ πειθῆσθαι ἄμεινον·

A respeito de Nestor, Cairus nota três importantes aspectos representantes da velhice deste herói na passagem citada. O primeiro é o testemunho de sua experiência; depois, o reconhecimento do seu valor no passado; e, por último, a força da sua palavra. Em relação à geração da qual fez parte, que era muito melhor do que a atual, e, por ter visto tudo o que viu, só ele podia fazer comparações com a devida autorização. No segundo ponto, que diz respeito ao seu valor, o fato de ter lutado ao lado dos melhores e, ainda, o de que “eu lutava sozinho”, significa que ninguém precisava instruí-lo. E então, no final da sua fala, depois de tudo dito, repete que “contra aqueles, nenhum hodierno mortal dos que pisam a terra poderia lutar”, logo, se os melhores o ouviam, os inferiores do presente deveriam fazer o mesmo. E, ainda sob a análise de Cairus, “Nestor começa esse breve preâmbulo como um inferior aos grandes heróis e termina por se considerar mesmo superior a eles justo no que agora era a sua única força: a palavra”⁴¹.

Não obtendo, como Aquiles, a glória eterna de um jovem guerreiro por uma morte prematura, Nestor adquire a força acumulada pelo tempo de vida, que é representada pelo seu discurso. Poderíamos dizer que a velhice se diz de várias maneiras na poesia, assim como na filosofia. Neste caso citado, ela não é tão ruim, pois, mesmo que perdida a habilidade dos joelhos, o velho atua como conselheiro junto aos mais jovens, já que, acima de tudo e de todos, conhece, já viveu e já lutou com grandes heróis, já foi um grande herói. É, portanto, uma figura essencial para o bom resultado almejado nas batalhas, e desta maneira podemos dizer que aqui há uma abordagem positiva em relação à velhice, ao se considerar nesta a firmeza da voz e a autonomia das palavras. “Entanto,/ alça-se o velho Nestor, o orador delicioso dos Pílios,/ de cuja boca fluíam, mais doces que o mel, as palavras” (*Il. I*, 247-9).

O poeta faz uma analogia entre a palavra dos velhos e o canto das cigarras,

“Eles, todos, por velhos,
já se encontravam isentos das lutas; contudo primavam
pela eloquência eles todos, tal como cigarras, que o canto
claro e agradável, pousadas nos ramos das árvores, soltam”.
(*Il. III*, 149-152)

⁴¹ CAIRUS, Henrique. *Ser velho entre gregos*. In: *II Jornada de Psicanálise com Velhos e suas interseções*. Rio de Janeiro: Lidador, 2000. v. 1. p. 49-58

e, nessa analogia, poderíamos pensar em uma relação – implícita e ainda não desdobrada - com a cigarra, como animal seco e contraído, e a velhice, que também é seca. Mas esta falta de umidade não prejudica a palavra do velho, pois sua voz continua suave e forte como o canto de uma cigarra. Poderíamos inferir que já os gregos homéricos notavam pelo aspecto físico do ancião que havia um ressecamento no corpo envelhecido, mas que não prejudicava o poder de sua fala. Depois, na investigação sobre este tema, Aristóteles confirma, que “o animal é por natureza úmido e quente, e o viver é assim, e a velhice é seca e fria” (466^a 18-19)⁴².

Outra importante referência à cigarra como símbolo da velhice é o mito de Titono, o apaixonado de Éos (Aurora), a qual pediu a Zeus que o tornasse imortal e vivesse para sempre, e teve seu desejo concedido. Titono, como desejou a deusa, jamais morreria, mas, como todo mortal, não deixou de envelhecer, já que ela esquecera de pedir ao deus que lhe concedesse junto à imortalidade a eterna juventude.

“Quando os primeiros cabelos grisalhos caíam da cabeça e do nobre queixo, se afastou do seu leito a augusta Aurora. Ainda cuidava dele, mantendo-o em suas habitações, com alimentos e ambrosia, e o presenteava com boas vestes. Mas quando começou a lhe constranger por completo a odiosa velhice e nem sequer podia mover nem levantar seus membros, esta foi a decisão que em seu ânimo lhe pareceu a melhor: o instalou em um dormitório e fechou as esplêndidas portas. Certo é que sua voz flui sem parar, mas nada fica do vigor que antes havia em seus flexíveis membros.”⁴³ (*Hinos*, V 229-239)

O “Hino homérico a Afrodite” não descreve o contínuo envelhecimento de Titono, como o fará Safo e Mimnermo que relatarão a transformação do velho em uma cigarra devido ao ressecamento do seu corpo, mas parece deixar claro o pavor da deusa pela velhice, uma vez que ela o trancafiava num quarto. E, mais uma vez, a palavra não se perde com a velhice do corpo, “sua voz flui sem parar”.

Além do ressecamento, parece que a cigarra também caracteriza o lugar do ancião, enquanto pousada nos ramos das árvores, que deve ser de repouso. Para o poeta da *Odisséia*,

⁴² Tradução nossa.

⁴³ Trad. para o espanhol de Alberto Bernabé Pajares. Ed. Gredos, 1978. Tradução nossa do espanhol.

mais que para o da *Ilíada*, o velho deve descansar e se ausentar do trabalho a que o jovem se dedica, “ora, aos senhores compete, depois de banhado e almoçado,/ em bons colchões repousar. Esse é o jus da velhice pacata” (*Od.* XXIV 255-6).

Não é o que acontece com Laertes, o ancião que se recusa a abandonar o trabalho, mesmo devendo somente inspecioná-lo, e, se entregando ao sofrimento pela ausência do filho, passa os dias a cuidar do seu pomar e está fadado ao envelhecimento descuidado.

Seria Laertes uma oposição à figura de Nestor, enquanto velho? No primeiro, a decadência aparentemente física e moral, no segundo, uma velhice natural, e, de certa forma, honrosa. Ainda mais contrários estariam, no que tange à palavra e à posição social. Enquanto Nestor atua nas decisões da assembléia, Laertes se afasta, já que “não mais a cidade procura e frequenta,/ mas em trabalhos os dias consome no campo distante” (*Od.* I, 189-90).

O velho Laertes, em profundo sofrimento pela falta do filho e da esposa “cujo traspasse lhe trouxe amarguras, levando-a à velhice” (XV 357), se retira da vida pública e passa a dedicar-se somente ao cultivo das árvores de seu pomar. Ali, ele passa os dias sem nenhum cuidado consigo, o que acentua ainda mais o seu envelhecimento. Nesse estado lamentável é encontrado por Ulisses:

Foi, pois, o pai encontrar no pomar bem plantado, sozinho,
a mondar ervas em volta de uma árvore; estava vestido
com roupas velhas e sujas, e em torno das pernas polainas
de couro grosso de boi, proteção natural contra espinhos,
nas mãos luvas, também, por defesa. De pele de cabra
traz, afinal, um barrete, que mais lhe acentuava a miséria.
(*Od.* XXIV 226-234)

Na relação de Laertes com o seu trabalho, o de cultivar a terra, podemos encontrar uma analogia importante entre a vitalidade das terras bem cultivadas pelo velho e a continuação da sua própria família. O cuidado com as plantas para que não parem de gerar frutos talvez represente a continuidade da família, na medida em que, ao cuidar do pomar, o pai de Ulisses garante a reprodução dos frutos assim como mantém viva a esperança de ter de volta seu filho, a continuidade de sua família. Com a ajuda de um criado, Dólio, e de seus filhos, Laertes realiza diversas tarefas, bem descritas no canto XXIV: cortar espinheiros (v. 224), prover as mudas com

estacas ou cercas de proteção (v. 225), arrancar ervas daninhas (v. 226), afofar a terra ao redor das plantas (v. 242). O pai de Ulisses não parece confiar somente aos deuses a manutenção do seu pomar, então, se dedica a ele para garantir a colheita de seus frutos⁴⁴.

John Henderson faz um importante comentário sobre o que pode significar a relação de Laertes com o seu bem cuidado pomar:

What Laertes gave Odysseus was a gift, a promise, a script and a pledge. His life was to be spent realizing the estate so that he would yield the patrimony as stipulated in advance. The trees would live. They would flourish. Laertes would see they kept their seasonal calendar through the years, lived up to the conditions, responded to loving care, and, before all, were there. They were there, always waiting Odysseus, bringing him back home, determining his objectives and ordering his priorities, his pre-destination and promised land. Fruitful and deep-rooted caring, the gardener's jolly world: the orchard-story, with his evocation of the youth of the trees that are still surrounding the speaker, tells of continuity and endurance⁴⁵.

Com essa leitura poderíamos dizer que Laertes esperaria por Odisseu até o fim de sua vida, uma vez que o pomar estaria sempre vivo, renovado, cheio de flores e frutos. O poeta parece sugerir assim que o ciclo da vida dos homens pode ser comparado ao do das plantas. Ou seja: umas morrem, enquanto outras nascem.

Na *Iliada*, está mais claro quando o poeta compara a geração dos homens com a das folhas, esse tipo comum de analogia usado para descrever o ciclo da vida humana.

Grande Tidida, por que saber queres a minha ascendência?
As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores,
que, umas, os ventos atiram no solo, sem vida; outras, brotam
na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa.
Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira.
(*Il.* VI, 145-149)

Na leitura proposta por ASSUNÇÃO, ao contrário da assimilação que o poeta faz dos homens com os animais, representando as qualidades heróicas, a comparação com as folhas

⁴⁴ Cf. Vernant, J.-P.; Vidal-Naquet, P. *Trabalho e natureza na Grécia antiga*.

⁴⁵ *The name of the tree: recounting Odyssey XXIV 340-2*. In: *Journal of Hellenic studies* cxvii (1997), p. 87-116.

“reduz o homem ao mais baixo grau da escala biológica então concebível, lhe oferecendo apenas a mais elementar continuidade do ser”⁴⁶. O ciclo da vida, então representado a partir do das plantas, sugere que dentre os homens, uns nascem, enquanto outros morrem. Ainda pela análise de ASSUNÇÃO, há uma correspondência entre dois tipos de folhas e duas das estações. As que “os ventos atiram no solo” e o outono (não explicitado), e as que “brotam na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa” e a primavera (indicada no verso), o que leva a pensar em uma concepção circular do tempo⁴⁷. Esse seria um esquema de duração da vida diante da transformação da natureza pelo tempo. As folhas que caem no outono, representam os homens que morrem, por natureza, velhos, enquanto as que brotam na primavera, representam as novas gerações de homens que nascem. A mortalidade é algo em que o homem - ainda que, enquanto homem, disso possa ter consciência - em nada se diferencia das plantas, a não ser pelo tempo de vida, que pode ser inferior ou superior.

No “Hino homérico à Afrodite” mais uma vez o poeta usa uma analogia entre homens e plantas, quando associa a vida das ninfas à das árvores, tanto ao nascer quanto ao morrer. “Ao mesmo tempo que vieram ao mundo nasceram os abetos e os carvalhos sobre a terra, grandes árvores que prosperam nos montes elevados” (*Hinos V*, 264-5) e, “ao chegar a hora fatal da morte, se secam primeiro sobre a terra as grandes árvores, e ao redor apodrece a casca e caem seus ramos” (*Hinos V*, 271-3), ou seja, estando secas, envelhecem e morrem.

4.2 A juventude e a velhice na poesia lírica

Enquanto no mundo de Homero o poeta está distante dos feitos narrados, ou seja, ele só aparece como o contador das suas estórias, na lírica, eles estão mais próximos dos seus dias atuais e da realidade em que vivem, e colocam o próprio sentimento na poesia. “Ao invés do mito é o bíos que se converte no objeto da criação poética, nela se encontram o eu e o mundo”,

⁴⁶ ASSUNÇÃO, Teodoro R. *Envelhecimento e juventude na elegia de Semônides. In: II Simpósio de Estudos Clássicos da USP*, p. 46-7.

⁴⁷ Cf. VERNANT, 1965, p. 99-100.

afirma Shadewaldt⁴⁸. Antes o envelhecer no homem em geral, agora faz parte do eu que sofre e lastima o encontro com a velhice, que aqui só aparece relacionada à nostalgia, dores e sofrimentos, além da vulnerabilidade do homem que nada pode fazer contra a natureza e o tempo. Dificilmente encontraremos uma abordagem positiva para o entardecer da vida entre os poetas desta época. A preocupação principal dos poetas líricos passa a ser a velhice no amor, que de certa forma fica ameaçado pela feiúra, perda de cabelos e perda da juventude em geral.

Em comum com a abordagem homérica sobre a duração da vida, há, também aqui, comparações nítidas com o ciclo de vida das plantas, o que explicita bem o entendimento do poeta sobre a rápida duração da melhor fase da vida. A juventude está para o florescer, assim como a velhice está para o fim da estação.

O exemplo iliádico que citamos antes, o símile das folhas, é citado por Semônides em seus versos sobre a juventude e a velhice,

uma coisa a mais bela disse o homem de Quios:
“como a geração das folhas, tal também a dos homens”;
poucos dos mortais, tendo-o recebido pelas orelhas,
colocaram no peito; pois a esperança está em cada um
dos homens, a qual se enraíza no peito dos jovens.
E enquanto um mortal tiver a flor mui-amada da juventude,
tendo frívolo o ânimo, pensa muitas coisas irrealizáveis;
pois não tem a expectativa de envelhecer nem de morrer,
nem, enquanto esteja são, tem a preocupação da doença.
Tolos, cujo pensamento está assim disposto e não sabem
que o tempo da juventude e da vida é pouco
para os mortais. Mas tu, aprendendo isso, até o fim da vida
sê decidido, dando prazer à alma com coisas boas⁴⁹. (fr. 29)

Não entrarei em detalhes quanto à citação deste verso da passagem já comentada da *Ilíada*, mas, no conjunto dos versos de Semônides, ela parece introduzir a idéia que o poeta expõe na sequência sobre a curta duração da vida: “o tempo da juventude e da vida é pouco para os mortais”. Além disso, caracteriza o jovem como um sonhador, pois “pensa muitas coisas

⁴⁸ Shadewaldt, p.15.

⁴⁹ Trad. Teodoro Rennó.

irrealizáveis”, e por não se preocupar com o futuro, “não tem a expectativa de envelhecer nem de morrer”, “nem a preocupação da doença”.

À doença o poeta relaciona diretamente a velhice, em oposição à juventude que estaria relacionada a saúde, como ocorre em toda a tradição. O temor pela velhice é principalmente pelo que vem com ela, dentre outros males, a doença. O que coloca o poeta bem próximo do que pensou Mimnermo sobre a velhice. Mas ao contrário deste último, Semônides parece reconhecer alguma *fraqueza* da juventude, seja pelo curto tempo que ela dura, seja pelo ânimo vão que a caracteriza.

Para Shadewaldt, nesta elegia a melancolia da vida se transforma em doutrina atribulada do saber. O homem deve saber e ser consciente de quão rápido se vai a juventude, esta que vive do presente e não se preocupa com o que está por vir, se refugiando no sempre novo presente do gozo⁵⁰.

Com implicações semelhantes às de Semônides, os versos de Mimnermo propõe que, passado o tempo da juventude, o melhor é a morte, pois à velhice só os males acompanham.

“Nós, como as folhas faz brotar a multiflorida estação da primavera, quando rápido crescem sob os raios do sol, a elas parecidos, por curto tempo com as flores da juventude nos deleitamos, pelos deuses não sabendo nem o mal nem o bem; mas as Queres junto estão postas, negras, uma trazendo a finalização da velhice penosa, a outra, a da morte; e dura bem pouco da juventude o fruto: o quanto sobre a terra se espalha o sol. Mas uma vez que passa esta finalização da estação, Imediatamente estar morto é melhor do que a vida; pois no ânimo muitos males vêm a ser: de um a casa se consome, e vêm as obras dolorosas da pobreza; outro sente falta de filhos, aos quais mais que tudo ele desejando, para baixo da terra vai para o Hades; outro suporta uma doença que-destrói-o-ânimo; não há nenhum dos homens a quem Zeus não dá muitos males⁵¹.”
(fr. 2W)

⁵⁰ Shadewaldt, p. 17.

⁵¹ Trad. Teodoro Rennó Assunção.

A juventude representa a vida, enquanto a velhice é pior do que a morte. Essa preocupação também estava presente nos poemas homéricos, onde a vida breve e honrosa era almejada pelos jovens guerreiros indicando o temor em relação à velhice. Isso nos leva a supor que ao invés da honra eterna, o jovem deve gozar a flor da idade, a juventude é que representa o viver. O temor perante a velhice que é descrita em vários momentos como repugnante, cheia de preocupações, pobreza e, principalmente, a impossibilidade de amar, toma conta do sentimento do poeta⁵².

Com tanta desgraça junto à velhice, o poeta espera que “o destino da morte atinja o que tem sessenta anos, sem doenças e penosas preocupações” (fr 6). A juventude estendida que o poeta propõe, - uma vez que ele não considerava jovens os homens de sessenta anos, podemos entender que uma fase madura, até os sessenta, ainda fazia parte da juventude - sugere que até os sessenta seria possível desfrutar dos prazeres da vida, sendo que, a partir dessa idade, ultrapassado “o termo da estação”, não haveria motivos para se continuar vivendo.

De acordo com a leitura de Assunção, Mimnermo estaria, além de dividindo a vida humana em duas fases, quais sejam, juventude e velhice, também comprovando uma caracterização negativa da velhice, onde não há qualquer dimensão construtiva do tempo, como a sabedoria e experiências acumuladas durante uma vida, que poderiam contrabalançar a perda física, como acontece em Homero⁵³.

Sólon, ao contrário da maioria dos poetas elegíacos, propõe em seu poema das idades as fases da vida, que alcança os setenta anos.

(Elegia 19)

A primeira indicação dessa suposta correção é que Sólon teria mais de sessenta anos e por isso replica a Mimnermo em tom de ironia, “ se ainda me ouvires”, já que aos sessenta se deve morrer. Esse tom revela alguma possível característica positiva em relação à idade avançada, o bom humor, inexistente em Mimnermo.

⁵² Cf. Fr. 1.

⁵³ ASSUNÇÃO, Teodoro R., *Nota sobre a correção de Mimnermo por Sólon (26G. e P.)*. In: *Clássica*, 2002/2003, p. 57.

Outro verso de Sólon aponta outra positividade em relação à velhice: “e envelheço aprendendo muitas coisas”, diferente da vida voltada para os prazeres do corpo, que em Mimnermo não tem sentido quando se inicia a decrepitude, o estadista reconhecendo assim algum valor no envelhecer: o aprender com a experiência de vida.

5. CONCLUSÃO